

**UM “PROGRESSO” PERVERTIDO: PRÁTICAS DE PRECONCEITO DE “FIGURAS PÚBLICAS” NAS REDES SOCIAIS CONTRA O “NORDESTE E OS NORDESTINOS” (2022-2023)**

**A PERVERTED “PROGRESS”: PREJUDICED PRACTICES OF “PUBLIC FIGURES” ON SOCIAL NETWORKS AGAINST THE “NORTHEAST AND NORTHEASTERNS (2022-2023)**

Lucas William Barbosa Laroca<sup>1</sup>

Resumo

O progresso foi palco central das discussões da Escola de Frankfurt no decorrer do século XX, especialmente em uma crítica, em que este vinculado à técnica, passou a formar uma humanidade potencialmente destrutiva. Neste artigo buscamos tecer uma relação, entre abordagens de alguns dos intelectuais da Escola de Frankfurt que pontuaram críticas ao ideal de progresso, com o fenômeno de produção de discursos de ódio em referência ao Nordeste e aos nordestinos, promovidos por “figuras públicas” em 2022 e 2023. Nesse sentido de análise, utilizaremos como “filtro” de abordagem a plataforma digital: YouTube. Como ponto de aproximação da teoria frankfurtiana com esta análise em questão, usaremos partes específicas da obra “A invenção do Nordeste” do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr, para assim percebermos como tais conceituações advém de formulações e estigmas de uma construção imagética e narrativa da região.

164

Palavras-Chave: Escola de Frankfurt; Estereótipos; Discursos; Representações.

Abstract

Progress was at the center of the Frankfurt School's discussions throughout the 20th century, especially in a critique in which progress, linked to technology, began to shape a potentially destructive humanity. In this article we seek to weave a relationship between the approaches of some of the intellectuals of the Frankfurt School who criticized the ideal of progress, with the phenomenon of hate speech in reference to the Northeast and Northeasterners, promoted by "public figures" in 2022 and 2023. In this sense of analysis, we will use the digital platform YouTube as a "filter". As a

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós Graduação em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro-Irati). Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro- Irati) (2023).

point of approximation between Frankfurtian theory and this analysis in question, we will use specific parts of the work "The Invention of the Northeast" by historian Durval Muniz de Albuquerque Jr, in order to understand that these conceptualizations come from formulations and stigmas of an imagetic and narrative construction of the region.

Keywords: Frankfurt School; Stereotypes; Discourses; Representations

## Introdução

O século XX foi a era do ideal de modernidade. Não pretendemos delimitar esta discussão em referência às concepções contidas neste século, mas partir dele para falar sobre conceitos como “avanços”, “modernidade” e “progresso” torna-se o vínculo principal para desencadear contextos de problematizações de determinadas concepções. Era neste contexto que estudiosos da Escola de Frankfurt concebiam críticas ao “ideal de progresso”, no século em que tal percepção esteve em efervescência. Benjamin observou com densa crítica um conceito de progresso relacionado à história no século XX. O “olhar para frente” que marcava a concepção de progresso, estava levando a humanidade ao colapso. O “avanço técnico e científico”, era um meio de tornar aparente o lado mais pervertido, egoísta e desanimador do ser humano. Tal perspectiva crítica foi evidente em sua tese 12, por exemplo, na obra em que dedicou a estudar “as teses do conceito de história”.

A tese se inicia com uma menção de Nietzsche<sup>2</sup>, sobre a utilidade da História para o presente, em um sentido que esta não deva ser concebida como mero “objeto de enfeite”, mas como ponto de ação e de mobilização que parte do presente, e é influenciado pelas forças que vêm do passado. O desdobramento da abordagem de Benjamin teceu uma crítica à social-democracia<sup>3</sup>, que desconsiderava uma vinculação ao passado em relação às suas vivências históricas como ponte de atuação das classes oprimidas. Foi mencionado que percepção como esta, de uma valorização do passado como força de impulsão para ação, era visível no movimento spartakista e em Blanqui<sup>4</sup>, mas a modelagem da social-democracia não visava determinada perspectiva, seu olhar era “tecido para o futuro”, de certo modo, “seus alunos”, eram encaixados como “moldes do progresso” que lançavam para o futuro um olhar de mobilização, ignorando o passado dos “antepassados escravizados”.

<sup>2</sup> A obra de Nietzsche em questão é: *Sobre a utilidade e a desvantagem da História para a vida*, publicada em 1874.

<sup>3</sup> Consta como movimento político alemão, vinculado em torno dos ideais dos trabalhadores. Com aspirações vinculadas ao progresso, tal “partido” recebeu críticas de Benjamin em suas teses, como citado o exemplo da 12 (LÖWY, 2005, p. 108).

<sup>4</sup> Em relação à Liga Spartakista, Löwy destaca-se sobre a liderança de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, sendo uma insurreição operária duramente reprimida por um líder social-democrata. Quanto a Blanqui, foi grande opositor dos ideais positivistas e das “ideologias do progresso” (LÖWY, 2005, p. 112-114).

A crítica de Walter Benjamin nesta tese é central para um debate sobre o “ideal de progresso”. A projeção para o futuro era desmedida, a classe operária era assim inserida pela social-democracia em uma projeção “das próximas gerações”, o presente se lançava para o que ainda viria, mas ignorava o que se aprendeu, o que se viveu. Para Walter Benjamin, este era um grande erro, pois, o passado ensina, é dele que advinha as forças de mobilização (BENJAMIN, 1987, p. 228-229). A efervescência política e social do século XX não é o centro da nossa abordagem. Contudo, Walter Benjamin escreveu suas teses em 1940, em meio aos anos dos desastres políticos causados pelos regimes autoritários em um contexto da Segunda Guerra Mundial. Para além de críticas sobre um movimento que visava o ideal de progresso em suas inclinações ideológicas, a própria percepção de progresso se coloca como ponto de problematização. O “olhar para frente”, em condições técnicas se tornava cruel, na medida em que o ser humano se tornava regresso em condições sociais. O “ódio ao outro” era concebido em um conjunto com o ideal progressista. Olhar para História, ver as referências do passado, pela lógica de Walter Benjamin, era um próprio meio de compreender de forma crítica a modernidade como conceito vinculado ao progresso. O progresso técnico não era relacionado ao “avanço da humanidade”, mas unicamente regido pelo viés técnico.

No presente artigo, buscamos compreender uma versão crítica do progresso. De modo tangencial, abordaremos uma projeção da modernidade com a obra de Marshall Berman *Tudo que é sólido se desmancha pelo ar*, para assim nos deter mais especificamente nas abordagens dos intelectuais Frankfortianos, especialmente em Theodor Adorno e Walter Benjamin. Buscaremos problematizar a relação de progresso vinculado a sua concepção técnica, sendo esta a base teórica da abordagem. Como “ponte intermediária” entre teoria e análise, nos aproximaremos da obra de Durval Muniz de Albuquerque Jr: *A invenção do Nordeste*, pensando exemplos citados pelo historiador que promovem o entendimento de como se demarcou um estigma de representação na figuração regional do Nordeste e de seu povo, trazendo assim destaques que “conversem” com ideias em torno das abordagens dos intelectuais da Escola de Frankfurt.

Por fim, buscaremos entender, por meio da análise de materiais retirados do YouTube, como as redes sociais são tecnicamente produtoras de discursos de ódio. Pensando exemplos de “figuras públicas” que usaram da imagem e penetração em meios digitais em diversos contextos para produzir visões estereotipadas sobre o Nordeste, entrelaçando as relações já citadas em referência às abordagens de Durval Muniz de Albuquerque Jr e dos intelectuais da Escola de Frankfurt. Portanto,

a lógica de tal trabalho é perceber como este conceito de progresso, produz rompimentos e violências na sociedade, distanciando o “valor” humano pelo técnico.<sup>5</sup>

### **Crítica ao “progresso”: a modernidade e seu lado perverso**

Em sua célebre obra: *Tudo que é sólido se desmancha no ar*, Berman (1986) buscou compreender o fenômeno da “modernidade”, por uma ótica profunda. Mais especificamente no capítulo IV: “Modernismo do subdesenvolvimento”, o autor parte da concepção da modernidade pela lente do país que mantinha uma política angustiante quanto ao ideal desenvolvimento e do “progresso”: a Rússia. Um dos primeiros pontos evidentes no capítulo é uma desconstrução da falácia que o solo russo não teria vivenciado uma perspectiva de projeto de modernidade. Um ponto de partida para tal concepção é a projeção de Pedro I para edificação da cidade de Petersburgo, baseando-se em modelos ocidentais, incentivando a “intelectualidade” em Petersburgo, onde a “janela da Europa” foi edificada baseada em modelos ocidentais a partir do incentivo da intelectualidade. Contudo, todo projeto moderno de arquitetura foi edificado sobre as costas da população servil. O “projeto de modernidade” mostrava assim sua primeira face pela cidade russa, a beleza monumental e arquitetural pesava mais que uma valorização humana, sob os palácios de Petersburgo, estava o denso sacrifício humano da camada servil mobilizada em tal empreitada (BERMAN, 1986, p. 174-175).

Outra perspectiva que se evidencia em todo capítulo pela ótica de Berman são mobilizações específicas de modernidade, no caso russo: a literatura. A chamada era do “subdesenvolvimento russo” foi também a era de produção de uma das maiores literaturas do mundo, como o próprio filósofo destaca. Em meio ao processo de mobilizações de Pedro I ou na severa era repressiva de Nicolau I, a literatura foi a saída e a resistência russa, em meio às irrealidades, ambições, denúncias e resistências, o contexto e a modernidade achavam na literatura uma forma de projeção (Ibidem, p. 173).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> O presente trabalho é fruto das discussões teóricas da disciplina: “A crítica da modernidade: Escola de Frankfurt, teoria pós-colonial e giro decolonial, do Programa de Pós-Graduação em História. Como primeiro passo na abordagem da disciplina, foi estudado destaques dos intelectuais da Escola de Frankfurt, para percebermos críticas destes dirigidas ao “progresso técnico”, sendo tais estudos, assim como de Marshall Berman, fundamentais para compreendermos uma visão mais incisiva quanto aos ideais pervertidos de modernidade e progresso. Nossa análise, desencadeia no estudo específico das práticas preconceituosas praticadas por “figuras públicas” nas redes sociais contra o Nordeste e povo nordestino. Destacamos, que a lógica não é se aprofundar unicamente em um olhar crítico para o uso das redes sociais, mas para além disso, perceber através de percepções específicas de Albuquerque Jr, historiador que indicou uma teoria de “invenção” para região em questão, para assim percebermos como se produzem estigmas que violentamente são filtrados e dispostos como discursos de ódio por “figuras públicas” nas redes sociais.

<sup>6</sup> Algumas das referências indicadas por Berman sobre exemplos da literatura russa são: *O cavaleiro de Bronze* de Aleksánder Púchkin (1833), *Memórias do subsolo* de Dostoiévski (1844), o *Sózia* de Dostoiévski (1846), dentre outros (BERMAN, 1986, P. 167-209).

A perspectiva de Berman não rompe do eurocentrismo para fazer uma crítica à modernidade, mas rompe de certa forma com a vinculação centralizada na Europa Ocidental. Pensar a modernidade na perspectiva russa é uma importante ênfase do filósofo. Quando se fala de um “projeto de modernidade” pela projeção e construção de Petersburgo, o contraponto se encontra em um modelo russo de desenvolvimento, que nega uma aparência inspirada nos modelos ocidentais de edificação, como Pedro projetou, mas que vem da população, dos sonhos e das aspirações das camadas populares, que em um modelo próprio constituíam um modo de literatura específico.

A relação de progresso foi ponto de discussão dos intelectuais da Escola de Frankfurt. Intelectuais como Theodor Adorno e Walter Benjamin desenvolveram concepções em torno do que se concebe por modernidade e “progresso”. Determinada concepção filosófica tinha uma visão de compreensão do marxismo para além de sua perspectiva ortodoxa. O contexto alemão vivenciado durante o século XX, permeada por duas guerras, pelo ideal de progresso institucionalizado na concepção da social-democracia como forma de alcance em melhorias nas condições de trabalho, pela ascensão do regime nazista, foram impulsos das críticas quanto à concepção do progresso nas discussões dos frankfurtianos. Assim, nesse terreno nebuloso se forma a Escola de Frankfurt<sup>7</sup>, onde o “ideal de progresso” era centro das críticas, na medida em que a humanidade se centrava em violentas ideologias.

Outras perspectivas advindas dos frankfurtianos, especificamente aos já citados Walter Benjamin e Theodor Adorno, se referem às concepções sobre o conceito de cultura e arte no contexto de uma concepção de “avanço técnico” de tais fenômenos. Enquanto Benjamin indicou uma chamada “Reprodutibilidade Técnica” em relação à arte, Adorno teceu críticas em torno do que denomina como “Indústria Cultural”. Os debates, mesmo que produtos de contextos da temporalidade em que se escrevem, de certa forma abordam reflexões possíveis de relações entre ambos.

Walter Benjamin, que estabeleceu reflexões mais profundas em torno do conceito do viés das obras de arte, instituiu o conceito de “Arte na Reprodutibilidade técnica”. A perspectiva de Benjamin concebeu que tal fenômeno não deveria ser percebido como uma problemática em torno de um acesso a esta “arte”. No entanto, se destacou a perspectiva de “aura”, de uma “autenticidade em torno de

---

<sup>7</sup> A referida escola filosófica se condiciona inicialmente pelo contexto de fundação, ou seja, em meio às turbulências políticas da Alemanha na década de 1920. Quanto às suas preposições, podemos indicar sua relevância por conceber uma crítica à modernidade, principalmente em diversos debates que pontuaram uma potencialidade destrutiva que a “modernidade” estava causando na humanidade. Para além de extensos debates teóricos, o próprio contexto de fundação e as discussões promovidas pela Escola de Frankfurt, transparecem a importância que foi uma discussão do conceito de “moderno” na “outra face da moeda”. Indicar críticas aos ideais pervertidos, as ambições políticas e principalmente quanto à destruição da humanidade, quando tais fenômenos adquiriram um extenso alavanque na história da humanidade, devem ocupar o centro de qualquer menção que justifique a importância dessa escola filosófica.

determinado produto artístico, a essência de um material de arte se perdia, na medida em que a expansão em larga escala, o tornava algo passível de atualização:

O conceito de aura permite resumir essas características, o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera de arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única por existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. (BENJAMIN, 1987, p. 168-169)

O que Benjamin parece transpor em torno do conceito da percepção de “reprodutibilidade técnica” é um viés sobre como este fenômeno fazia da arte algo de produção em larga escala. A relação de “aura” do “aqui/agora”, parece estabelecer nas artes uma preocupação mais intensa em torno de técnicas de produção em larga escala, a essência se perdia, se modifica. O sentimento, a “aura” como destacado, deixa de ser algo constituído no conteúdo de assimilação dessas artes, para ser algo infinitamente reproduzido.

Um dos grandes aspectos artísticos reforçados por Walter Benjamin para abordar o conceito de reprodutibilidade técnica foi a fotografia. A relação de “aura” que marcava a concepção de uma obra de arte, a tornava objeto de contemplação, culto. O acesso era restrito, poder observar uma pintura era em certo ponto, um “privilégio de grupos específicos”. Porém o observador/admirador era reduzido ao processo de “culto” de uma obra, postulada pelo caráter de unicidade.<sup>8</sup> Dois pontos são possíveis de perceber: uma restrição de acesso à arte, e o sujeito previamente condicionado à apreciação e não interação com a obra em questão. O contexto da fotografia marca, segundo Benjamin, uma reversão no caráter de culto pelo de exposição. A barreira de restrição foi rompida, o acesso a determinado “produto” é ampliado em uma escala maior, ângulos, técnicas, e modificações, como já citado, podem postular questionamentos quanto à essência de autenticidade e unicidade de determinada arte. A barreira do acesso único se modifica, assim também se reformula a relação entre espectador e a “arte” em si (BENJAMIN, 1987, p. 172-175).<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Walter Benjamin destacou proximidades em relação à noção de unicidade e aura. O culto e contemplação de alguma obra de arte, se fundamentava em sua essência. Resumidamente, a “unicidade” de uma arte, fazia dessa, objeto de culto (BENJAMIN, 1987, p. 170-171).

<sup>9</sup> De forma específica, Walter Benjamin destacou percepções em torno do cinema. Este seria um dos ápices da reprodutibilidade técnica. Em condição de produção, já é formulado em torno de uma perspectiva de reprodução maciça. O denso investimento no contexto de produção do filme já visava uma essência de reprodução em larga escala (BENJAMIN, 1987, p. 172).



A relação de produção de arte é em certa medida retomada por Theodor Adorno posteriormente.<sup>10</sup> Um dos primeiros pontos que trazem à tona uma concepção distinta de Adorno sobre o processo de “mercantilização cultural” é o fato de passividade dos sujeitos. A relação de autonomia do consumidor na perspectiva de Theodor Adorno parece se anular. Em certa medida, a cultura, os gostos, as críticas, são evocações de cultura que partem do indivíduo. Porém, a indústria toma para si estas características e produz em produto à venda: arte, música, filme, e outros exemplos. Na perspectiva de um processo massivo de “industrialização” da cultura, o ponto de dissolução da arte como mercadoria não se limita pela “barreira de classe”, o que e quem consome não é o ponto central, visto que não visa restrições, mas quem, o que, é o sentido em que se produz é o eixo essencial. O sujeito é concebido como aquele que receberá este produto, a ideologia e o processo de direcionamento técnico ordenam procedimentos para este fins, baseados em gostos, subjetividades, movimentos e demais questões:

A indústria cultural perfidamente realizou o homem como ser genérico. Cada um é apenas aquilo que qualquer outro pode substituir: coisa fungível, um exemplar. Ele mesmo como indivíduo é absolutamente substituível, o puro nada, e é isto que começa a experimentar quando, com o tempo, termina por perder a semelhança (ADORNO, 2002, p. 26).

Outro destaque que tangencia pela percepção do intelectual frankfurtiano é a percepção de instauração de alienação no indivíduo. Exemplificando o contexto a partir de uma perspectiva cinematográfica, a cultura do sujeito passa a ser extensão do que consome. Sua essência passa a ser maleável, o que a indústria apropria da sociedade, é remodelada, filtrada, vendida, impondo uma sujeição no consumidor. A alienação, torna o sujeito em algo “influenciável”, sem expressão ou interação, exclui qualquer marca de postura crítica, reduzindo-o a simples receptividade do que lhe é imposto. Além do mais, podemos compreender na alienação algo que corresponde ao desejo dos mecanismos de influência: a passividade e falta de espontaneidade dos sujeitos:

A vida não deve mais, tendencialmente, poder se distinguir do filme sonoro. Superando de longe o teatro ilusionista, o filme não deixa à fantasia e ao pensamento dos espectadores qualquer dimensão na qual possam — sempre no âmbito da obra cinematográfica, mas desvinculados de seus dados puros — se mover e se ampliar por conta própria sem que percam o fio. Ao mesmo tempo, o filme exercita as próprias vítimas em identificá-lo com a realidade. A atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural de hoje não tem necessidade de ser explicada em termos psicológicos. (ADORNO, 2010, p. 10)

---

<sup>10</sup> A produção de Walter Benjamin foi iniciada em 1936 (Ibidem, p. 165). As relações pontuadas pelo autor, que são desenvolvidas em tal perspectiva, têm variações na forma como Adorno vai perceber o conceito de “Indústria Cultural”. Os acréscimos de Adorno, em questão, possibilitam não apenas pontos de vistas diferentes, mas a relação temporal de escrita de tais materiais também são frutos de contextos específicos, no que se refere a percepção desta cultura/arte que passou por modificações durante o século XX. Pensar os pontos diversos, implica antes perceber o contexto de produção de tais obras.

## No alvo da representação e do imaginário: o Nordeste e o sujeito nordestino em meio à construção de estereótipos

Grande referência para pensarmos a construção do Nordeste como espaço de memória construído por movimentos externos e internos, podemos perceber em: “A invenção do Nordeste”, do historiador Durval Muniz de Albuquerque Jr (2011). Tal obra, buscou demonstrar como um duplo mecanismo de identidade e estereótipos se fundamentou na construção histórica de “um Nordeste”. Seja nas danças, no rádio, na música, nos romances, no dizer de si, e do outro, a região Nordeste, em meio a aproximações e distanciamentos era constituída.

Para Albuquerque Júnior, a região adquire um caráter de invenção e não de prontidão. Simbologias, identidades, preconceitos, são formulados a partir de movimentos de enunciados que buscam estabelecer uma categorização à região. Enunciados estes, postulados em categorias “dizíveis” como o eixo literário, de romancistas, representações da imprensa, e também “visíveis” como obras de arte, cinematografia (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 93-100). Olhares e dizeres tornaram-se formas de constituir o Nordeste como região, formulado sobre intencionalidades, buscando se instituir uma identidade específica, ou ser demarcadora de índice de diferenciação. Invenções que partem da própria região, mas também vem de fora, carregada de aspirações e intencionalidades. Partimos assim, do princípio de que é possível relacionar as perspectivas de Albuquerque Jr com as ideias e preposições da Escola de Frankfurt. A própria ideia de uma “modernidade” é interposta como barreira ou desvinculada de desejo em relação à memória construtiva da região. O progresso técnico das “metrópoles nacionais” era visto como a perda da essência da humanidade e de uma região marcada pela memória e afeto humano, isto na visão de alguns intelectuais, que buscavam constituir preposições sobre a região, sobre moldes específicos e de âmbito nacional.

A exemplo de uma crítica ao progresso relacionado à técnica, especialmente mobilizada por ideais capitalistas, é mencionado Gilberto Freyre em *Sobrados e Mocambos*. Em tal abordagem, se destacava que o progresso e a modernidade eram previstos como desordeiros no que se refere à ordem e equilíbrio social da nação, visto que tais mobilizações, advindos da sociedade burguesa, trazia uma quebra nos valores humanos e formadores da nacionalidade (FREYRE, 1977, p. 152, apud ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 113). Mais especificamente em complemento à percepção de Gilberto Freyre, é apontado ainda uma relação à crítica a uma visão linear de progresso, em que este não deveria estar condicionado ao futuro, pelo ar típico da essência moderna, marcado por mudanças



abruptas. Nesta perspectiva, assim foi apontado por Durval Muniz de Albuquerque Jr em referência à concepção de Freyre sobre a “quebra” linear da temporalidade<sup>11</sup>:

Sua ênfase se dá sempre na necessidade de uma transição ordenada entre as diferentes temporalidades, sem nenhum corte radical, uma acomodação do presente com o passado e com o futuro. A sua sociologia, é, pois, uma busca de constantes históricas que atravessariam o nosso processo de formação. (Ibidem, 2011, p. 113)

Em relação à pintura destacadas como invenções, construtoras de um “novo modo de ver”, cita-se uma relação crítica ao “progresso técnico” na percepção de Lula Cardoso Ayres. A essência artística do pintor, concebe uma reaproximação entre o sujeito e a natureza, vínculo que estaria desfeito com a busca de avanço técnico. Por meio de elementos visuais, muitos artistas buscaram exprimir formas de críticas e de expressão no que tange a uma percepção crítica ao “moderno”, especialmente no que centra uma desvalorização do meio natural. Assim o historiador indicou sobre as pinturas de Lula Cardoso Ayres:

[...] Um homem que, segundo ele, dominou os trópicos menos pela técnica e mais pelo amor, pela identificação, pela simbiose com este espaço e que agora se via dele distanciado pelas relações artificiais que o mundo moderno implantava (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 169).

172

A produção do Nordeste, segundo as abordagens de Albuquerque Jr, se encontrou em um processo de construção partindo de alguns grupos específicos: intelectuais, muitas vezes, filhos de uma elite local, ou grupos externos que buscavam imprimir uma identidade regional. O processo de produção se encontrava em formulação diferente no que se refere à representação. Se fala da pobreza, das marcas da violência social, das desigualdades, mas em grande parte das vezes, não são estes sujeitos marcados pelo estigma social, que produzem um discurso, uma imagem do Nordeste. Vejamos assim, dois exemplos: concepções em torno de José Lins Rego, romancista, filho de senhores de engenho, nascido na Paraíba e a menção de um jornal paulista construtor de uma visão preconceituosa sobre o Nordeste. Primeiro em relação a José Lins Rego, podemos compreender neste romancista um suporte de críticas ao “progresso capitalista”. Contudo, algumas percepções do romancista devem ser problematizadas, na medida em que se denuncia a concepção burguesa da sociedade, no entanto, volta-se para o passado como glorificação a partir das hierarquias que predominavam sobre os “laços paternalistas”. Reformulações desiguais são destaques seus, no que se refere a injustiças do sistema capitalista, regido por emersões de conflitos. Porém, no que se refere

---

<sup>11</sup> Evidentemente a concepção linear de progresso é marcada por especificidades. A essência de um passado, constantemente é marcado pela memória dos intelectuais que buscavam destacar uma identidade para o Nordeste e seu habitante. Contudo, há uma perspectiva que se complementa ao destaque anterior sobre uma crítica à modernidade e progresso como problemas da constituição da nação/região. Indicações como a capacidade de destruição visado pela noção de modificações instituído pela sociedade burguesa, pode ser interpretado nas “entrelinhas” de determinado destaque.

à relação com o passado, acabava por “amenizar” marcas hierarquicamente impostas com a sociedade escravocrata. Manter o passado, em sua visão é conceber e defender as hierarquias de uma sociedade marcada pela escravidão:

Na obra de José Lins, a cidade surge como o lugar do desenraizamento; lugar a partir do qual projeta o espaço nostálgico do engenho; lugar em que a miséria era maior e as injustiças mais gritantes que no engenho; em que os códigos morais tradicionais ruíam. Lugar traiçoeiro onde a lei e a disciplina vigiavam e puniam aqueles homens acostumados com os códigos lábeis e informais da sociedade patriarcal. Faltava ao pobre, na cidade, alguém que valesse por ele, que orientasse, que o controlasse de forma paternal (ALBUBUQUERQUE JR, 2011, p. 153).

Outro exemplo é encontrado no jornal: *O Estado de São Paulo* (OESP), em uma edição de 1920. Ao contrário do primeiro contexto, referido discurso representativo vem de outra região, vale ressaltar que a imprensa, se instaurou como um importante veículo de comunicação para constituir “imagens dos outros”, na medida em que se possibilitava um acesso mais facilitado. O discurso, era intencionalmente provocador de concepções, objetivamente as marcas preconceituosas, visavam se transpassar para o leitor.<sup>12</sup> Assim mencionava o periódico em questão:

[...] Incontestavelmente o Sul do Brasil, isto é a região que vai da Bahia até o Rio Grande do Sul, apresenta um tal aspecto de progresso em sua vida material que forma um contraste doloroso com o abandono em que se encontra o Norte, com seus desertos, sua ignorância, sua falta de higiene, sua pobreza, seu servilismo. (Ibidem, 2011, p. 55)

A referência do “outro” em meio à construção de estereótipos e preconceitos, é uma constante de outras regiões, que utilizam de uma categoria de diferenciação ofensiva para defender seus interesses políticos. Holanda, Scanoni e Siqueira (2016) reforçam determinada concepção na pesquisa que realizaram em referência a produção de discursos xenofóbicos em redes sociais, após a eleição de Dilma Rousseff como Presidente da República em 2014, pontuando que uma série de estereótipos fundamentados em ideias preconceituosas contra os nordestinos, foram ativados após um cenário político que não agradou parte de usuários das redes digitais. Ademais, o “diferenciar-se do outro”, tem raízes históricas profundas segundo os autores em questão. A exemplo da região Sul do Brasil, que lançava discursos xenofóbicos para fundamentar os ideais separatistas que emergiram na década de 1990. Neste caso, menciona-se de modo específico o contexto do Rio Grande do Sul, que defendia uma “República Independente dos Pampas”, fundamentando tal ambição política em ideias preconceituosas e xenofóbicos para com a região Nordeste (HOLANDA; SCANONI; SIQUEIRA, 2016, p. 235-242).

<sup>12</sup> A relação de separação entre Norte e Nordeste estava se efetivando na década de 1920, os discursos de separação entre as áreas emergem no contexto de migração de habitantes do Nordeste, para trabalho na extração de borracha, o que preocupava a falta de mão-de-obra para trabalho nas lavouras tradicionais do Nordeste (Ibidem, 2011, p. 82).

Esses são alguns eixos pelos quais podemos compreender o processo de sujeição estereotipada do Nordeste. Entre nuances de representações, encontrava-se variáveis que não observava de forma positiva o “progresso nas relações burguesas”, mas defendia uma percepção de sociedade estruturada nas “relações paternalistas”, além da “produção do outro,” marcando fragmentações, diferenciações e preconceitos. Essencialmente neste segundo caso, a “cidade moderna”, lança pela imprensa, intencionalmente penetrável na produção imaginária da população, uma figuração perversa do Nordeste. Portanto, o contraste entre tantas possibilidades, ganha forma na relação de progresso. A pobreza, o “servilismo”, são contemplados pelo discurso ofensivo, assim também como a menção à “falta de higiene”<sup>13</sup>.

Outra possibilidade de relação entre a constituição da identidade regional do Nordeste com a crítica que se condensa pelos intelectuais da Escola de Frankfurt, é o processo de transformação desta “identidade ou essência” em produto de exposição e larga escala, marcada por interesses secundários, sobretudo políticos. Quando Albuquerque Jr fala da representação musical, cita o processo de formulação predestinada à transmissão, partindo do clássico exemplo de Luiz Gonzaga, um dos maiores expoentes da expressão cultural através da música em referência ao Nordeste:

Gonzaga faz parte de uma geração de artistas da chamada Música Popular Brasileira, assim entendida, não por ser feita pelas camadas populares, mas para as camadas populares. Uma música comercial, que tinha na rádio o seu principal veículo. Num momento em que o problema da nacionalidade também se coloca no campo da música popular, as músicas consideradas até então como folclóricas e regionais, as canções, passam a ser incentivadas não só comercialmente, mas pela própria política do Estado (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 179).

Seja pela concepção crítica do progresso ou pelas aproximações em torno do conceito de massificação da Indústria Cultural, os destaques de Durval Muniz de Albuquerque Jr permitem aproximações de tais temáticas a partir de uma lógica que busca constituir a “essência” do Nordeste. São jogos duplos, na medida em que uma visão perversa se fazia em relação ao progresso na percepção de alguns intelectuais que buscaram instituir uma imagem regional, ou pelo viés do olhar do outro, que marcou o Nordeste como uma região generalizada, em que a tradição, significava falta de “progresso e avanço”. Também se evidenciou que esta evocação identitária é alvo do mercado,

---

<sup>13</sup> A produção de Durval é plural. Seleccionamos trechos específicos, para assim percebermos referências de concepções de modernidade, e progresso em tais sentidos, bem como perceber como este contexto de produção, muitas vezes não vinha das camadas populares, marcadas pelas resistências, tradições, memórias referentes a seu contexto. É um falar do outro, do “intelectual nordestino”, projetado por “veículos de comunicação penetráveis”, ou por defensores de uma visão perversa de tradição. São marcas que projetam no Nordeste, insinuações e estereótipos contemporâneos.

grande construtor e transformador da cultura como “produto”, como destacado no caso de Luís Gonzaga.<sup>14</sup>

### **Marcas contemporâneas: xenofobia e preconceito na representação do Nordeste nas redes sociais pelas “figuras públicas”**

A tangente força discursiva que produz versões sobre o Nordeste, abordadas de múltiplos contextos por Durval Muniz de Albuquerque Jr, não foi algo efêmero. As marcas que buscavam constituir uma visão narrativa do Nordeste como “avesso” ao progresso são constantemente reativadas sob múltiplas formas no contexto contemporâneo, sob formulações diferentes, deturpações, são destas produções construtoras de um imaginário representativo, que se originam ideias preconceituosas e estereotipadas. Para compreendermos a partir da concepção prática atual, sobre tal procedimento, cabe menção à crítica de Theodor Adorno (1969) em referência ao “progresso técnico” em que a humanidade estaria condicionada no contexto moderno. Para este intelectual da Escola de Frankfurt, o progresso medido pela técnica era catastrófico, pois não concebia uma “redenção coletiva”, o ideal progressista deveria estar simbolicamente direcionado ao coletivo, à humanidade.

A técnica muitas vezes pode se relacionar à segregação, ao ódio, ao individualismo, ao preconceito. Durante o século XX, a humanidade elucidou a mais perversa base do progresso a que tanto foi atrás, com regimes autoritários e hierarquizações sociais/raciais. Tais alicerces se projetaram em um distanciamento da coletividade e compreensão mútua, privilegiando fragmentações e ideologias em nome do “futuro”, da “técnica”. Partindo deste contexto extremamente conturbado, Adorno teceu críticas ao progresso que se desenvolvia no contexto do século XX, marcado pelas guerras, disputas econômicas e densas rivalidades. O arquétipo de modernidade se “auto-sabotava”, na medida em que a técnica era resumida em elevação do ego social (ADORNO, 1992, p. 218-219).

Xavier (2019) usou de aproximações teóricas em torno do conceito de Indústria Cultural, em relação ao fenômeno de discursos de ódio dissimulados em redes sociais. A psicóloga compreende diversas formas de violência e finaliza reaproximando a conceituação frankfurtiana em torno da proliferação ofensiva das redes digitais de interação. Nesta perspectiva usou de uma visão pessimista,

---

<sup>14</sup>O historiador também mencionou especificamente o processo em que as mídias filtram grande parte destes estereótipos que se produzem. Se indica a importância de criticar uma ocultação da “verdadeira face do nordeste”. O peso dos discursos que constituíram uma imagem pervertida do Nordeste, continuam a se formar nas mídias como reprodutoras de tais concepções. Assim o historiador aponta que se fala dos “coronéis, cangaceiros, e beatos”, mas a constituição real do Nordeste, é muito mais plural. Tal pluralidade, não é assumida pelas mídias, esta ao contrário, busca apenas reproduzir o que se formulou como essência generalizante da região e dos sujeitos (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 353).

em que para longe de relações harmoniosas, se observava uma densa prática de violência pelos perfis das redes sociais:

As categorias identificadas nos comentários de ódio: ideias higienistas, preconceito social, homofobia, racismo e preconceito político mostram o quanto a sociedade contemporânea integra em seu âmago o funcionamento de uma sociedade administrada e os moldes da indústria cultural, empobrecida de esclarecimento e enfraquecida de lutas pelo fim das desigualdades que geram preconceitos e intolerâncias (XAVIER, 2019, p. 92).

Os destaques em questão, citados na conclusão de sua dissertação, novamente torna possível a observação do fenômeno perverso do progresso, quando observado por uma ótica mais profunda. O destaque em referência à desvinculação da “luta pelo fim das desigualdades”, reforça que há, neste contexto, a busca da categoria pela diferenciação, pelo ataque e por ideais violentos. As redes sociais, como exemplo de imposição de opiniões, e “ideais”, tornam-se produtoras de violência, disseminadoras de ódio. O retrocesso se evidencia nestes contextos pela incapacidade de compreender “o outro”.

176

Partindo desta concepção, visamos perceber os discursos produzidos por um instrumento “técnico” que se concebe pela relação do “moderno”. Neste contexto, será observado os discursos produzidos pelas redes sociais, observando como “sujeitos públicos” que usam de uma visibilidade para impor um discurso ou representação ofensiva, promovem representações estereotipadas e preconceituosas dos sujeitos inseridos geograficamente e socialmente no Nordeste. As redes de interação neste sentido, para longe de promover “avanços humanitários” visando solidariedade e emancipação humana, são tecnologias de discurso de ódio, marcados por violências verbais.

Léo Lins, figura pública, dita como humorista, faz práticas dos chamados *stand-ups*<sup>15</sup>, espécie de humor que constantemente se posta em redes sociais, sendo assim, estendido para além da área de determinada apresentação. Em um vídeo postado na rede social YouTube pelo canal: *Cortes da Internet [Oficial]*, no dia 14 de março de 2023, consta trechos em que o mesmo assim usa de “seu humor” para se referir ao povo Nordestino<sup>16</sup>:

A maioria do Estado do Nordeste é muito longe, a gente acaba indo de avião e você pegar voo para o Nordeste é uma experiência, porque tem umas pessoas com “aparência primitiva”. “Olha esse cara saiu de um livro de Geografia, que negócio é esse, ele anda meio de lado” [...] A roupa também é diferente, a calça eles usam lá

<sup>15</sup> Espécie de apresentação “humorística”, com tradução literal ao português se realiza “em pé”, diante de uma plateia. No caso de Léo Lins, buscava-se fazer apresentações regidas com um estilo de “humor ácido”, usando de representações pejorativas de grupos específicos, fundamentando-se em arranjos estereotipados e deturpados. Segundo o veículo informativo *Gazeta do Povo*, foi movido um processo criminal contra o “humorista” pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (GAZETA DO POVO, 2023).

<sup>16</sup> Salientamos que 2023 foi o ano de publicação do vídeo. No vídeo foi citada informações sobre a data de “apresentação” em que Léo Lins produziu tal fala.

em cima, e parece que “quanto mais sobe a calça, mais desce o pescoço [...] o cinto vira uma coleira”. (CORTES DA INTERNET, 2023)

Tal fala ainda é complementada por gestos “do modo de andar”. Sua representação, além de visar impor narrativas ofensivas em referência ao sujeito nordestino, usa de gestos, como complementos de representações desse “humor”. Duas percepções são possíveis de apreender através da construção deste discurso. Primeiramente, este foi construído gradualmente na sociedade. Esta narrativa não pode ser concebida a partir do contexto em que parte de Léo Lins, mas é envolta de contextos de demarcações sociais e históricas. Concepções de “primitivo”, “diferente”, se encontram com termos diferentes, mas com sentidos parecidos no contexto já mencionado pelo Jornal *O Estado de São Paulo* (OESP) em 1920, por exemplo (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 55). São identidades produzidas intencionalmente, visando sentidos de diferenciações. A violência que se observa atualmente nas palavras deste “humorista”, apesar de garantir inclinações e serem produzidos de formas diferentes, não deixam de ser influenciadas pelas representações dos jornais, dos romancistas, das músicas e obras, que opõe o Nordeste “ao progresso técnico”: “O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença” (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 79).

Outra perspectiva é a reflexão que este “humor” vai causar nas pessoas. Partindo de uma concepção de que este humor é vendido como representação, a “arte de Léo Lins”, é produto do conceito abordado por Adorno como “Indústria Cultural”. Toda esta série de estereótipos percebidos em referência à população nordestina, é transformada em produto à venda. Léo Lins não fez apresentações em stand-ups de forma gratuita, além deste “humor” garantir lucro na medida em que se torna uma apresentação remunerada, a disponibilização destas apresentações em redes sociais aumenta o “engajamento”. A assimilação estereotipada e generalizante do Nordeste, é imposta como modo de representação “à venda”, produzida inclusive, para além das paredes físicas do local de apresentação.”<sup>17</sup>

A grande problemática é que além deste humor pervertido ser uma forma extremamente forte de violência, também se encaixa no processo de reprodução de tais discursos de cunho preconceituoso advindo deste “humorista”. As pessoas que frequentam determinadas apresentações inseridas neste contexto não buscam, necessariamente, exercitar uma percepção crítica, mas desfrutar de uma espécie

---

<sup>17</sup> Em relação à fala de Léo Lins, ainda percebemos uma imagem geral do Nordeste. Além de trazer uma narrativa extremamente ofensiva em sua fala, esta é generalizante. O nordeste extenso em território e população, é resumido a um só, estereotipado, marcado pelas “pessoas de aparência primitiva”, que andam estranho e se vestem diferente. A representação marca “o nordestino” como sujeito a parte, instituído pela distinção, no entanto, reforça uma generalização à região.



de “divertimento”. A alienação indicada por Adorno na década de 1940 em abordagem do fenômeno na Indústria Cultural, fortemente se estabelece neste sentido, sob reformulações na transmissão, mas com uma mesma essência de dominação no “consumidor” de tais “produtos de humor”: “[...] A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação, é o caráter repressivo da sociedade que se auto-aliena. Automóveis, bombas e filmes mantêm o todo até que seu elemento nivelador repercute sobre a própria injustiça a que servia” (ADORNO, 2002, p. 6).

Em outra fala em um de seus “stand-ups”, Léo Lins novamente se refere ao Nordeste por um viés preconceituoso. A curta fala disponível em um “Shorts” do canal *Site Tv Foco* no ano de 2022, traz um pequeno trecho que relaciona dois tipos de ataques: uma piada em relação a crianças com hidrocefalia e uma vinculação à condição de “falta de água no Nordeste” como composição de seu “tom de humor”. Eis a fala em questão: “[...]Eu vi o vídeo de um garoto no interior do Ceará com hidrocefalia, o lado bom é que o único lugar da cidade em que tem água é a cabeça dele [...] agora o pai puxa à água do filho, estão todos felizes tomando banho” (YOU TUBE, s/d).<sup>18</sup>

A relação de passividade e isenção crítica do consumidor novamente se torna evidente. A câmera do vídeo em questão, não mostra a plateia, apenas o “humorista”. No entanto, pela audição, escutamos risos. Esta violenta prática de narrativas preconceituosas com “tom de humor” é vendida a uma plateia que parece não se incomodar, e que aceita tal fala. A única ação possível de ouvir são risos, o divertimento pervertido, estabelece esta relação de inércia do consumidor, quanto ao que se promove como “arte e representação”.

Outro fenômeno que tornou perceptível a produção de xenofobia e preconceito em relação ao Nordeste aconteceu em outubro do ano de 2022. Mais especificamente em relação ao episódio de derrota de Jair Bolsonaro nas eleições, na medida em que pelo resultado da disputa presidencial, se observou uma rejeição significativa deste em relação à região como um todo. Tal processo foi o estopim para uma imensa produção de violência virtualmente disposta em relação à região e seus habitantes. Um exemplo parte do próprio ex-presidente. Usuário de uma densa produção midiática, para se popularizar como figura de destaque nas camadas da população, Jair Bolsonaro após sua derrota no processo eleitoral para Presidente da República, assim destacou sobre a relação do Nordeste com sua derrota em live nas suas redes sociais de acordo com trechos do Canal do YouTube *UOL* em 06 de outubro de 2022:

Lula venceu em nove dos dez estados com maior taxa de analfabetismo, “você sabem quais são esses estados? Do nosso nordeste” [...] Outros dados econômicos agora, também são inferiores a regiões, porque estes estados do Nordeste estão a

<sup>18</sup> Apesar de não conter menção específica da data de publicação, pelo filtro dos comentários podemos concluir que a postagem possivelmente tenha sido realizada no ano de 2022.

vinte anos sendo administrados pelo PT, onde a esquerda entra leva ao analfabetismo, leva a “falta de cultura” [...]. (UOL, 2022)

Bolsonaro buscou representar os estados do Nordeste pela noção de marcações sociais como o analfabetismo. Sua produção discursiva prestada em live reforçou para o público que assistia uma concepção que generalizou e maximizou as taxas de analfabetismo como justificativas de alienação destes, o que teria motivado sua derrota nestes estados. O termo “falta de cultura”, reforça uma relação de “desconhecimento” e distanciamento destes estados do nordeste por ele mencionado, em relação às demais áreas do país. Para o ex-presidente, estes estados estariam marcados pela ausência de tais índices.

A fala de Bolsonaro novamente evidencia estereótipos que não são novos nas representações. Albuquerque Jr cita exemplo das representações do intelectual francês Roger Bastide, que representou o Brasil a partir das dualidades entre São Paulo e a região Nordeste, citado neste contexto como um todo. A região neste sentido seria constituída pelos ideais de “lugar de normas arcaicas”. Assim destaca o historiador sobre essas perspectivas:

[...] o Nordeste é visto como a região “embebida em história”, “em que a ânsia de possuir tudo novo, de modernizar-se, de ficar na última moda não inspira [...] São Paulo era a realidade de artifício, de cimento, em contraposição à nordestina, “que foi Deus que fez e não o homem”. Uma seria a região da memória; a outra, o lugar da história, do passar do tempo. Uma era natureza; a outra, cultura (BASTIDE, 1964, p. 50, apud ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 121).

Nesta versão destacada acima, o Nordeste como essência generalizante, não seria o berço de modificações. Se constitui uma visão de acomodação, de permanência, uma história “sem rupturas”. O “oposto”, São Paulo, que se constituía como centro das rupturas, dos movimentos, da “moda modificada. Enquanto uma se colocava como mais próxima da “natureza”, a outra se instituiu pela “cultura”. O dilema de desvinculação de cultura neste sentido é feito pela contraposição, o Nordeste como região era marcado pela natureza, e não pela produção cultural. Este estereótipo se faz na linguagem preconceituosa de Jair Bolsonaro, pois novamente a região é associada pela falta de cultura.

Contudo, não só da “figura pública” veio concepções destacando estereótipos pejorativos em relação à região. Eleitores e defensores de Jair Bolsonaro produziram uma série de discursos de cunho preconceituoso em relação ao Nordeste nas redes sociais. De acordo com informações do Jornal *O Correio Braziliense* em edição do dia 6 e outubro de 2022, destaca-se que após o resultado do 1º turno eleitoral, ataques contra nordestinos foram constantes nas redes sociais; “Segundo a Safernet Brasil,

foram pelo menos 14 denúncias de xenofobia por hora, na última segunda-feira”<sup>19</sup> (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).

A prática de produção discursiva pejorativa produzida por Jair Bolsonaro parece ser um pêndulo que impulsionou uma série de discursos estereotipados. Sua imagem como fruto de produção ideológica foi fortemente constituída como peça de influência através das redes sociais. Seus discursos dispostos nas mídias digitais, não beiraram à restrição e evidentemente gerou resistências e confrontos. Contudo, essas falas de Bolsonaro parecem se estabelecer de forma intencional, como mecanismo de impulsão nas representações pejorativas, usando de concepções partilhadas por grupos que compartilham de ideais extremamente estereotipados sobre os nordestinos e que acham na “brecha” política, uma sustentação para os violentos ataques. Se há uma oposição que denuncia tais concepções, há um público alienado, influenciado, que se identifica com um olhar e dizer violenta para o Nordeste. Produzir discursos de ódio, parece ser intencionalmente vinculada às câmeras, às redes, à disseminação de tais ideias.

### Considerações Finais

A crítica ao progresso e construção histórica de uma “modernidade” presente na discussão dos intelectuais destacados nesta pesquisa são de extrema importância. O velho dilema de um “progresso pela técnica” não se desmanchou depois de diversos episódios de incitação ao ódio. A crítica ao progresso se estende para além do século XX, mas no contexto atual da sociedade, novamente estas ênfases entram em questão.

A humanidade cada vez mais busca se reformular tecnicamente, mas este processo tem suas nuances preocupantes. A potencialidade de um discurso se dissemina de forma assustadora, podendo atingir boa parte da população. Formas perversas de sátira, não se prendem às paredes físicas em que tal apresentação acontece. Além de ser um problema já no contexto do imaginário do locutor, se dissemina como forma de “humor”, os risos, a recepção destes preconceitos, não é questionada, só se absorve como um “divertimento”, depois do “show” vem a reprodução em redes sociais. O preconceito, a violência verbal, se espalha pelas redes de interação.

Assim também as ditas redes sociais possibilitam intencionalmente a produção destes discursos para um grupo marcado pela ideologia, que não questiona as violências vindas de um candidato à presidência. Este além de conceber estereótipos preconceituosos em relação aos estados nordestinos,

---

<sup>19</sup> Destacamos aqui apenas o índice. O objetivo da nossa abordagem é centrar nas “figuras públicas” um potencial violento marcado por estereótipos. Neste caso, o aumento dos índices de práticas de xenofobia por parte das redes sociais como um todo, mostra como tão penetrável são as falas caracterizadas pelos estereótipos perpassados pelas falas de determinada “figura pública”.

buscou reproduzir sua violenta noção em live nas redes sociais, pois, sabe que seu discurso penetra nas camadas alienadas. É possível perceber que tais discursos não somente circulam enquanto ideias, mas também como ações, enquanto efeitos disseminados, vide o aumento de práticas xenofóbicas no contexto posterior aos turnos eleitorais.

Seja pelo “humor pervertido” ou pela intencional fala de um ex-presidente, vemos a crítica de Adorno em relação ao processo de passividade dos sujeitos frente a estas disseminações revertidas de concepções. A imensa diversidade cultural da região Nordeste é resumida a uma só, marcada por estereótipos, preconceitos e violências verbais. A diversificada cultura é discursivizada de forma perversa, se usa como massa de alienação ou como “produto cultural à venda”. Neste processo, o que se mantém como essência é o velho estereótipo, historicamente formado.

O olhar ao progresso, a técnica, também tem fundamento neste fenômeno. O passado deixa de ser referência para uma sociedade que se banha não nas experiências, mas nas expectativas. O que aprendeu torna-se nulo na medida em que apenas ambiciona pelo que está por vir. A crítica de Walter Benjamin fecha este trabalho, trazendo menção ao papel da História, afinal o passado vem sendo concebido apenas como referência para demarcações sociais, daqueles que estão vinculados à “inércia” a “rejeição da modernidade”. O olhar para a extensa cultura nordestina, infelizmente é constantemente reduzido a generalizações. Essa ação se configura como um meio de difusão de violência. Histórias, lutas sociais, denúncias e resistências são deixadas de lado, na medida em que se influi um desejo específico de diferenciação e de discurso de ódio quanto às representações sobre esta região.

### Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor W. *Progresso*. *Lua Nova*, nº 27, p. 217-236, 1992.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª ed, São Paulo: Cortez, 2011.

BASTIDE, Roger. *Brasil, Terra de Contrastes*. 2 ed. São Paulo: Difel, 1964.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

CORREIO BRAZILIENSE. Ataques contra nordestinos se multiplicam nas redes sociais após 1º turno. *Correio Braziliense* (site). Publicado em: 06 de out. de 2022. Disponível em: Ataques aos nordestinos se multiplicam nas redes sociais após 1º turno (correio braziliense.com.br). Acesso em: 03 set. 2023.

CORTES DA INTERNET. Léo Lins-Piadas com Nordeste [Stand-up Comedy] - Show perturbador pode ser censurado, aproveitem. YouTube. Disponível em: [https://youtu.be/\\_j6E CRUtJfU?si=79bxd3IE61aRpkfu](https://youtu.be/_j6E CRUtJfU?si=79bxd3IE61aRpkfu). Acesso em: 03 set. 2023.

DOSTOIIÉVSKI, Fiódor. *Memórias do subsolo*. São Paulo: Editora 34, 2009.

DOSTOIIÉVSKI, Fiódor. *O sócia*. São Paulo: Martin Claret, 2022.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos* (2 vols). 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

GAZETA DO POVO. Por piadas, Léo Lins tem redes sociais derrubadas e vira réu em processo criminal. *Gazeta do Povo*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/por-piadas-leo-lins-tem-redes-sociais-derrubadas-e-vira-reu-em-processo-criminal/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

HOLANDA, André Fabrício da Cunha; SCANONI, Sabrina Ramires; SIQUEIRA, Vanessa Ferreira. A culpa é do Nordeste? As eleições de 2014 e a repercussão de matérias jornalísticas nas redes sociais. *Revista Latino-americana de Jornalismo*, v. 3, n. 2, p. 228-243, 2016.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: Uma leitura das teses "Sobre o conceito de História"*. São Paulo: Boitempo, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. São Paulo: Hedra, 2017.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *O bloco Político Norte*. São Paulo: 3 de setembro de 1920.

PÚCHKIN, Aleksánder. *O cavaleiro de bronze e outros poemas*. São Paulo: Kalinka, 2022.

TV FOCO. Absurdo! Léo Lins debochando de crianças com hidrocefalia. YouTube, Disponível em: <https://youtube.com/shorts/nOAv0IrsM-s?si=85PJMO-T4gNuM59P>. Acesso em: 03 set. 2023.

UOL, Bolsonaro sobre vitória do Lula no Nordeste: 'Taxa de analfabetismo alta'. YouTube. Disponível em: <https://youtu.be/t7N7AkFRkFo?si=Yo7sYB2v5Q4Nu4Nd>. Acesso em: 03 set. 2023.

XAVIER, Lilian Martin Patrício. *Indústria Cultural, Narcisismo e o ódio nas Redes Sociais*. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.